



coleção José Jorge Letria

# A árvore das histórias de Natal

ilustrações Viktoriya Borshch

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

© 2006, José Jorge Letria e Viktoriya Borshch  
Direitos para esta edição:  
© 2018, Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º  
1050-019 Lisboa - Portugal  
info@clubedoautor.pt

Título: *A árvore das histórias de Natal*  
Autor: José Jorge Letria  
Ilustrações: Viktoriya Borshch  
Revisão: Clube do Autor  
Design e paginação: Sofia Pires,  
em caracteres Archer e Barbera  
Impressão e acabamento: Eigal - Indústria Gráfica, S. A. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-459-9  
Depósito legal: 446856/18  
1.ª edição: Outubro, 2006  
2.ª edição: Novembro, 2018

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)



CLUBE  
DO  
AUTOR



## Índice

- 8 Uma Estrela com Luz de Poesia
- 13 A Noite, a Lua e os Meninos Tristes
- 19 A Fava, o Brinde e o Bolo-Rei
- 22 A Cegonha Eletricista
- 27 O Mapa do País do Natal
- 31 O Presépio de Chocolate
- 36 Uma Ceia Inesperada
- 41 O Livro e a História de Natal
- 45 O Espírito do Natal
- 48 A Princesa, o Unicórnio e o Pai Natal

## Uma Estrela com Luz de Poesia

De repente, passou uma pequena nuvem de tristeza sobre os olhos de Francisca. A avó Josefa partira há dois anos para um sítio de onde ninguém costuma mandar notícias. Antes da partida ainda sofreu muito, e tão depressa a queria junto de si, para sentir o calor do seu carinho, como a queria longe, para não se aperceber dos rostos que o sofrimento pode ter.

Francisca ainda era pequena, mas nunca mais esqueceu a dor daquela perda. Foi como se o mundo, naquele dia, tivesse decidido mostrar-lhe o seu lado negro e atemorizador, como se o Sol se tivesse zangado com a claridade dos dias e como se até as lágrimas se recusassem a sair para não verem como dói ser infeliz.

Era dezembro e, lá em casa, nesse ano, ninguém quis festejar o Natal, porque não havia vontade de dar nem de receber presentes e porque todas as conversas se encaminhavam no mesmo sentido, que era o da tristeza e do desconsolo.

Antes de partir, a avó Josefa dissera a Francisca:

– Uma noite, quando já estiver habituada à minha nova morada, hei de dar-te sinal para que saibas que estou bem e que penso em ti.

Francisca lembrou-se sempre dessas palavras e encontrou, nos poemas que lia nos livros da escola, palavras mágicas e belas que eram iguais às que a avó Josefa usava quando queria mostrar-lhe que, por vezes, a beleza de uma coisa pode estar na forma que usamos para a nomear.



– Pode dizer-se de uma coisa – explicava a avó Josefa – somente aquilo que os olhos veem. Mas também se pode acrescentar qualquer coisa que a torne mais bonita e mais agradável de ver. Isso, minha filha, chama-se Poesia.

Quando Francisca lhe pediu para explicar melhor o que queria dizer, ela deu-lhe alguns exemplos:

– Podemos dizer: «isto é uma árvore», mas também podemos dizer: «esta árvore está triste porque tem sede» ou «esta árvore é alta e elegante como uma girafa num dia de primavera».

Francisca percebeu sem esforço as palavras da avó Josefa e, a partir desse dia e desses exemplos, compreendeu que a Poesia havia de ajudá-la a estar sempre perto da avó, estivesse ela onde estivesse, por maior que fosse a distância que as separava.

Tinha passado um ano e a família preparava-se para festejar mais um Natal. Tinham-se distribuído tarefas e cada um dava o melhor que podia e sabia para realizar bem a que lhe coubera. Uns ajudavam a mãe a pôr a mesa, outros verificavam se os ornamentos da árvore de Natal estavam todos no sítio, outros ainda colocavam os presentes nos lugares certos para poderem ser localizados na hora da distribuição, quando fosse meia-noite.

Francisca também cumpriu as suas tarefas, que não eram nem mais fáceis nem mais difíceis do que as dos outros, mas nem mesmo estando ocupada conseguia disfarçar a tristeza que as saudades da avó Josefa lhe punham nos gestos e nos olhos.



Todos sabiam qual era a razão dessa tristeza, mas estava assente que, naquela noite, ninguém iria falar no assunto. A avó Josefa, que não tinha rival na forma de organizar a festa de Natal, seria lembrada por todos em silêncio, pois as palavras mais belas tinham viajado com ela para muito, muito longe.

Quando se ouviram, na torre da igreja, as doze badaladas da meia-noite, Francisca sentiu que uma lágrima lhe escorria pela face como se fosse uma pérola de um tesouro antigo e secreto.

Foi então que um dos irmãos, Afonso, lhe disse, tentando animá-la e distraí-la:

– Francisca, há uma estrelinha no céu, lá muito alto, que parece estar a chamar por ti.

Francisca correu para a janela, limpou a lágrima, olhou para a estrela e conseguiu ver no seu brilho intenso o rosto da avó Josefa sorrindo para ela como nos tempos em que lhe contava histórias estranhas e belas para a convencer a comer a sopa.

Quando chegou o momento de se distribuírem os presentes, coube a Francisca, além de outras coisas que lhe deram grande satisfação, um belo livro de poemas sobre árvores, rios e animais, ilustrado com muita imaginação e cores muito vivas.

– Quem foi que me deu este livro? – quis saber Francisca. Mas ninguém lhe respondeu. – Vá, digam lá, quem foi que me deu este livro tão bonito? – insistiu ela, mas continuou a não obter resposta.